

# VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA EM DE PORTO ALEGRE\*

Uma abordagem com base em Análise Multivariada

Carlos Eduardo Gomes Macedo\*\*

Valéria D. Sartori Bassani\*\*\*

Resumo: Aplicaram-se as técnicas de Componentes Principais e Análise de Agrupamentos a 29 variáveis do Atlas do Desenvolvimento da Região Metropolitana de Porto Alegre do ano de 2000 referentes a 163 Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs) do município de Porto Alegre. Com a técnica de Componentes Principais buscou-se reduzir a quantidade inicial de variáveis a apenas duas componentes que explicam 84,9% da variância total. Com a média ponderada dos escores das duas componentes construiu-se o Índice de Vulnerabilidade Socioeconômica (IVSE) e, com base neste, aplicou-se a Análise de Agrupamentos (AA). A AA, por meio do método de Ward permitiu a visualização de 4 agrupamento de UDHs com níveis de vulnerabilidade distintos. O georreferenciamento dos 4 agrupamentos permitiu uma melhor visualização espacial da vulnerabilidade socioeconômica do município de Porto Alegre.

Palavras-chaves: Análise Multivariada; Índice de Vulnerabilidade Socioeconômica; Agrupamentos; visualização espacial da vulnerabilidade do Município de Porto Alegre.

---

\* Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

\*\* Economista do Observatório da Cidade de Porto Alegre

\*\*\* Estatística do Observatório da Cidade de Porto Alegre

## INTRODUÇÃO

Para usufruir a imensa quantidade de informações precisamos fazer uso de uma das características que nos diferencia dos outros animais e que tem sido utilizada há milênios: a capacidade de classificar. No século IV a.C., Aristóteles construiu um elaborado sistema de classificação de espécies do reino animal o qual dividia os animais em dois grupos: os que tinham (vertebrados) e os que não tinham (invertebrados) sangue vermelho. Observe-se que este sistema teve influência sobre os trabalhos posteriores elaborados por Theophrastus sobre a estrutura e a classificação das plantas. Este sistema só seria superado nos séculos XVII e XVIII (Everitt, 1980).

Muitas técnicas para classificar e agregar/agrupar dados e/ou informações surgiram desde o último quarto do século XX. Mas o que tornou estas técnicas mais “populares” foi o desenvolvimento de softwares estatísticos com grandes capacidades e velocidade de cálculos. Além disto, técnicas que permitem o conhecimento exploratório e confirmatório de grande quantidade de dados e/ou informações foram desenvolvidas neste mesmo período e têm sido aplicados em várias áreas que vão da psicologia à economia. Este é caso das técnicas de Análise Multivariada tais como Análise de Componentes Principais e Análise de Agrupamentos (Cluster). A primeira permite que se descubra a estrutura subjacente (constructo) de uma grande quantidade de variáveis por meio da decomposição espectral de sua matriz de covariâncias ou correlações. O resultado é a redução das variáveis iniciais a poucas componentes que explicam a maior parte da variância das variáveis. A segunda permite que se produzam agrupamentos (clusters) por meio de métodos estatísticos aplicados à matriz de distâncias dos valores das variáveis.

A evolução recente dos softwares estatísticos bem como o manuseio amigável dos mesmos tem possibilitado a aplicação das técnicas de análise multivariada a uma infinidade de dados e/ou informações. Nesse sentido, aplicamos tais técnicas a uma seleção de variáveis oriundas do Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Porto Alegre, doravante Atlas da RMPA. Lançado em dezembro de 2008, o Atlas da RMPA tem mais de uma centena de variáveis distribuídas em vários níveis geográficos que vão do nível do município, passando pelas Regiões de Orçamento Participativo, às Unidades de Desenvolvimento Humano, doravante UDHs. Como o objetivo fundamental do Atlas da RMPA era conhecer a heterogeneidade das regiões das cidades da RMPA, os mais de 100 indicadores foram gerados para 330 UDHs. Com as UDHs podem-se ver com maior riqueza de informações as várias cidades dentro de uma mesma cidade. Ao mesmo tempo em que esta riqueza de informações georreferenciadas permitiu a focalização das políticas públicas, ela também gerou a percepção de que era possível o agrupamento de UDHs em função da proximidade dos valores das principais variáveis. Com efeito, o presente trabalho se propõe a aplicar as técnicas de Componentes Principais e Análise de Agrupamento a um conjunto de 29 variáveis das 163 UDHs do município de Porto Alegre referentes ao ano de 2000 com vistas a agrupar as regiões mais semelhantes. Por meio da aplicação de Análise de Agrupamentos teremos condições de gerar agregações de UDHs que nos permitam visualizar as segregações espaciais não perceptíveis em indicadores que sumarizam a cidade como um todo ou, o contrário, a repartem em unidades tão pequenas que acabam por diluir em demasia a focalização das políticas públicas.

## 1. METODOLOGIA

Muitas são as técnicas de Análise Multivariada, e descrevê-las de forma exaustiva é menos importantes do que compreender o fundamento das mesmas. Qualquer que seja a técnica utilizada, seu fundamento é o cálculo do que se chama Variável Estatística. Variável Estatística é um tipo de constructo, uma variável latente, uma combinação linear de variáveis com pesos empiricamente determinados. Ao pesquisador cabe a escolha das variáveis; à técnica multivariada, o cálculo dos pesos (Hair et al., 2005). Conforme Hair et al. (2005), podemos definir matematicamente uma Variável Estatística como:

$$VE = w_1X_1 + w_2X_2 + w_3X_3 + \dots + w_nX_n$$

Onde:

$VE$  = Variável Estatística

$X_n$  = Variável observada

$w_n$  = Pesos determinados pela técnica multivariada

Por conta desta capacidade de geração de variáveis estatísticas com grande capacidade de resumo de dados, a análise multivariada tem contribuído sobremaneira para a investigação científica quando se deseja a redução ou simplificação estrutural de dados, classificação e arranjo, investigação de dependência entre variáveis, predição e construção de hipóteses e testes (Johnson e Wichern, 2002).

No presente estudo, faremos uso inicialmente da Análise de Componentes Principais para a prospecção de dois componentes capazes de explicar 84,9% da variância das 29 variáveis referentes a 163 UDHs da cidade de Porto Alegre. Após o cálculo das duas componentes, será possível calcular os escores das componentes para cada UDH. Como os escores representam um tipo de pontuação que cada UDH tem em cada componente, é possível seu agrupamento por meio da Análise de Agrupamentos. Nesse sentido, podemos ordenar as UDHs gerando grupos homogêneos e, assim, termos uma idéia mais precisa da distribuição geográfica das UDHs.

### 1.1. Técnicas Estatísticas

Nesta seção apresentamos de forma sintética os conceitos das duas técnicas de análise multivariada utilizadas. A compreensão das técnicas de análise multivariada exige o conhecimento dos conceitos elementares da álgebra matricial. Contudo, não é objetivo deste trabalho a exposição de conceitos da álgebra matricial. Quando muito faremos alguns comentários com vistas a ajudar na elucidação de alguns dos conceitos fundamentais para a compreensão das técnicas aqui utilizadas.

#### 1.1.1. Análise de Componentes Principais

A Análise de Componentes Principais, doravante ACP, é um tipo de análise fatorial na qual os fatores comuns não têm a mesma importância que têm para a Análise de Fatores Comuns (Análise de Fatorial propriamente dita, doravante AFC). Um dos conceitos relevantes para entender esta diferença é o de Comunalidade. A Comunalidade é a variância total que uma variável compartilha com todas as outras variáveis. A variância total pode ser dividida em

três tipos: a) variância comum, ou seja, aquela que uma variável compartilha com todas as outras variáveis; b) variância específica, ou seja, aquela que é associada a apenas uma variável; c) variância do erro, ou seja, aquela que se deve à não-confiabilidade no processo de agrupamento de dados, erro de medida ou em uma componente aleatória no fenômeno medido (Hair et al., 2005). Para os propósitos de nosso trabalho, basta que entendamos a distinção entre as variâncias comuns e específicas. Outra diferença entre ACP e AFC está em que a utilização da ACP não exige o atendimento ao pressuposto de que as variáveis tenham distribuição normal multivariada (Johnson e Wichern, 2002). Por fim, uma diferença marcante está em ser a análise confirmatória ou exploratória. Se desejarmos confirmar algum modelo ou classificação teórica, será mais apropriado o uso de AFC. Caso o objetivo seja a exploração de dados com vistas a prospectar as relações lineares entre as variáveis e as componentes, deveremos fazer uso da ACP. Resumindo, a ACP é um procedimento mais simples do que a AFC, pois não necessita do atendimento ao pressuposto de distribuição normal multivariada e nem de um modelo teórico. Com ACP parte-se dos dados e trabalha-se na direção de um modelo hipotético (Fachel, 1982). Em resumo, ACP visa à explanação da estrutura da variância-covariância de um conjunto de variáveis por meio de poucas combinações lineares destas variáveis. Seus objetivos gerais são redução e interpretação de dados. Algebricamente, componentes principais são combinações lineares particulares de  $p$  variáveis aleatórias  $X_1, X_2, \dots, X_p$ . Geometricamente, estas combinações lineares representam a seleção de um novo sistema de coordenadas obtido pela rotação do sistema original com  $X_1, X_2, \dots, X_p$  como eixos coordenados. Os novos eixos representam as direções com máxima variabilidade e oferecem uma simples e mais parcimoniosa descrição da estrutura da covariância (Johnson e Wichern, 2002).

Tomando-se  $m$  componentes e  $p$  variáveis ( $m * p$ ), a compreensão da ACP como uma combinação linear das variáveis originais pode ser melhor expressa com a seguinte formulação matemática sugerida por Reis (2001):

$$\begin{aligned} CP_1 &= a_{11}X_1 + a_{21}X_2 + \dots + a_{p1}X_p \\ CP_2 &= a_{12}X_1 + a_{22}X_2 + \dots + a_{p2}X_p \\ &\dots \\ CP_m &= a_{1m}X_1 + a_{2m}X_2 + \dots + a_{pm}X_p \end{aligned}$$

Onde:

$CP_m$  = Componente Principal  $m$

$a_{pm}$  = Carga da variável  $X_p$  na componente  $m$

Os passos gerais para o cálculo das componentes principais são: 1) escolha das variáveis que farão parte da análise (se tivéssemos optado pela AFC, a escolha envolveria verificar o pressuposto de distribuição normal multivariada); 2) geração da matriz de covariâncias ou de correlações (sugere-se a matriz de correlação por afastar os problemas de diferenças de escalas entre as variáveis); 3) decomposição espectral da matriz de correlações (cálculo dos pares de autovalor e autovetor); 4) escolha das componentes com maior variância; 5) aplicação de um método de rotação que facilite a interpretação da correlação entre as variáveis e as componentes (rotação é apenas um artifício que produz nos eixos iniciais uma mudança de tal forma a aproximar as variáveis das componentes, aumentando o poder de interpretação e identificação das componentes).

A ACP tem sido utilizada como uma etapa intermediária para outras técnicas de análise multivariada. Tendo em vista a possibilidade de redução considerável no número de componentes ou fatores que ACP e a AFC permitem, estas técnicas podem servir como

geradoras de uma base sobre qual se aplique, por exemplo, a Análise de Agrupamentos. Com efeito, como é nosso objetivo prospectar uma possível distribuição espacial das UDHs tendo como base uns poucos, mais significativos, indicadores, passaremos, na próxima seção, à explanação sintética sobre a Análise de Agrupamentos.

### 1.1.2. Análise de Agrupamentos (Cluster)

Devido ao uso em campos tão diversos como psicologia, zoologia, biologia, botânica, sociologia, inteligência artificial e recuperação de informações, a técnica de Análise de Agrupamentos tem sido referida como Análise de Cluster, Q-Análise, Tipologia, arranjo, agrupamento, classificação etc Everit (1980). Qualquer que seja a denominação, o objetivo da Análise Agrupamentos é: dado um número de observações descritas por um conjunto de medidas, deseja-se organizar um esquema de classificação para arranjar as observações em grupos tais que as observações dentro dos grupos sejam similares em algum aspecto e diferentes das observações dos outros grupos (Everit, 1980). Em suma, trata-se de maximizar a homogeneidade interna dos elementos (dentro do grupo) e heterogeneidade externa (entre os grupos). “Assim, se a classificação for bem sucedida, os objetos dentro dos agrupamentos estarão próximos quando representados graficamente e diferentes agrupamentos estarão distantes (Hair et al., 2005)”. Doravante nos referiremos à Análise de Agrupamentos como AA.

Da mesma forma como procedemos em relação à ACP, faremos uma breve descrição dos passos para a obtenção de agrupamentos ou clusters. Dos cinco passos sugeridos por Reis (2001) para uma boa aplicação da AA, desenvolveremos os quatro a seguir. 1) seleção de indivíduos ou de uma amostra a serem agrupados; 2) definição de um conjunto de variáveis a partir das quais será obtida a informação necessária ao agrupamento dos indivíduos; 3) definição da medida de semelhança ou distância entre cada dois indivíduos; 4) escolha de um critério de agregação ou desagregação dos indivíduos, isto é, a definição de um algoritmo de partição/classificação.

Nos primeiro e segundo passos fica patente o quanto a AA tem um caráter muitas vezes subjetivo, pois nesta etapa é preciso ter claro que a escolha das variáveis é uma categorização de dados na qual não há um procedimento matemático ou estatístico e sim o julgamento do pesquisador sobre a relevância das variáveis para o propósito da classificação. O mesmo pode ser dito sobre a escolha dos objetos ou indivíduos. Também não há, em geral, uma base teórica para determinar o número de variáveis a serem mensuradas, e o problema deve ser abordado empiricamente (Everit, 1980).

Tendo em conta estas dificuldades em ter uma base matemática ou estatística para a escolha das variáveis, dos objetos ou indivíduos e do número de variáveis, Everit (1980) sugere como forma de superar estes problemas a aplicação da ACP aos dados originais e, então, o uso dos escores das primeiras componentes como variáveis de entrada para processo de agrupamento. Adiantamos que foi este o caminho escolhido para o presente trabalho, e os procedimentos bem como resultados e análises serão tratados na seção 3.

O passo 3 é aquele no qual precisamos definir um medida de semelhança (similaridade) ou distância<sup>1</sup> entre os indivíduos. Tendo em vista que faremos uso do critério de agregação dos indivíduos conhecido como Ward e de que, em geral, a bibliografia consultada sugere que, quando do uso deste critério, seja mais apropriado o uso da Distância

---

<sup>1</sup> Similaridades são medidas que tomam valores entre 0 e 1. Distâncias são medidas que podem tomar qualquer valor positivo (Everit, 1980)

**Euclidiana ao Quadrado, doravante DEQ**, não vamos nos deter na exposição das outras medidas de distância. Apenas como referência, arrolamos as outras medidas de distância: 1) distância Euclidiana; 2) distância Absoluta; 3) distância de Minkowski; 4) distância de Mahalanobis; 5) distância de Chebishev.

A DEQ entre dois indivíduos ( $i$  e  $j$ ) é definida como o somatório dos quadrados das diferenças entre os valores  $i$  e  $j$  para todas as variáveis. Ou seja:

$$d_{ij} = \sum_{k=1}^p (X_{ik} - X_{jk})^2$$

Onde  $X_{ik}$  é valor da  $k$ -ésima variável para o  $i$ -ésimo indivíduo.

No quarto passo definimos qual o critério de agregação dos indivíduos ou objetos. Como já referido, faremos uso do critério ou método conhecido como Ward. Apenas como referência, arrolamos os outros critérios ou métodos: 1) método do vizinho do mais longo; 2) método do vizinho mais afastado; 3) método das médias dos grupos; 4) método do centróide.

Segundo Everit (1980), J. H. Ward, em 1963, sugeriu que em qualquer estágio, a perda de informação resultante do agrupamento de indivíduos pode se mensurada pela soma total dos quadrados dos desvios de qualquer ponto em relação à média do grupo ao qual ele pertence. Se para cada grupo  $k$ , fizermos  $SQD_k$  ser a Soma dos Quadrados dos Desvios de cada item em relação à média do grupo (centróide), então a existência de  $K$  grupos define  $SQD$  como a soma de  $SQD_k$ , ou seja:

$$SQD = SQD_1 + SQD_2 + \dots + SQD_k$$

A cada etapa da análise, a fusão de cada possível par de grupos é considerada e dois grupos, cuja fusão resulta em um mínimo de incremento na soma dos quadrados dos desvios (perda mínima de informação), são combinados. Inicialmente, cada grupo consiste de um simples item, e, se existirem  $N$  itens,  $SQD = 0$ , com  $k = 1, 2, \dots, N$ , então  $SQD = 0$ . No extremo oposto, quando todos os grupos são combinados em um simples grupo de  $N$  itens, o valor da  $SQD$  será dada por:

$$SQD = \sum_{j=1}^N (X_j - \bar{X})(X_j - \bar{X})$$

Onde  $X_j$  é a medida multivariada associada com o  $j$ -ésimo item e  $\bar{X}$  é a média de todos os itens.

## 1.2. Base de Dados

A escolha das variáveis sobre as quais se aplicou as ACP e AA tem como fonte os dados das 163 UDHs do município de Porto Alegre para o ano de 2000. Estes dados foram

extraídos do Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Porto Alegre elaborado por meio de convênio entre o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), a Fundação João Pinheiro, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (cuja coordenação coube aos autores do presente artigo) e a METROPLAN (Fundação Estadual de Planejamento e Desenvolvimento e Regional do Rio Grande do Sul).

1. Correlações significativas;
2. Utilização da matriz anti-imagem para verificar as Medidas de Adequação da Amostra Kaiser-Meyer-Olkin cujos resultados foram:
  - 2.1. 0,94 para a matriz como todo (situação classificada como “Muito Boa” conforme Reis, 2001);
  - 2.2. acima de 0,8 para todas as variáveis individuais (situação classificada como “Boa” conforme Reis, 2001);
3. Teste de Bartlett<sup>2</sup> para testar a hipótese de ser a matriz de correlações uma matriz identidade, resultando na rejeição desta hipótese e mostrando ser a matriz de correlações apropriada para a aplicação da ACP;
4. Experiência dos técnicos do Observatório da Cidade de Porto Alegre atestada pela confecção de vários estudos diagnósticos sobre a situação socioeconômica do município, em especial, o Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Porto Alegre e Mapa da Inclusão e Exclusão Social de Porto Alegre.

Medida de Adequação da Amostra Kaiser-Meyer-Olkin		0,94
Teste de Esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-Quadrado	11432,77
	gl	406
	Sig.	0

Fonte: Resultados da Análise ACP

## 2. RESULTADOS E ANÁLISE

Nesta seção apresentamos os resultados da aplicação das técnicas multivariadas às 163 UDHs medidas conforme **as 29 variáveis escolhidas**. O primeiro passo foi a aplicação da ACP às 29 variáveis. Como resultado obtivemos 2 componentes principais que responderam por mais de 84,9% da variância total. Sobre estas duas componentes foi aplicada a AA. Diante das opções apresentadas pela aplicação da AA, optamos por uma linha de corte na etapa 159 na qual o Coeficiente de Aglomeração foi de 0,623 implicando em 4 agrupamentos. A Tabela 2 mostra a relação dos códigos utilizados para identificar as variáveis.

<sup>2</sup> Testa a seguinte hipótese:  $H_0$ : Matriz de correlações = I (matriz Identidade). A estatística de teste para testar esta hipótese é:  $- [ n - 1 - 1/6 (2p + 5) ] \ln | R |$ . Onde:  $| R |$  é o determinante da Matriz de correlações. Esta estatística tem uma distribuição assintótica de  $\chi^2$  com  $[ \frac{1}{2} p (p - 1) ]$  graus de liberdade.

**Tabela 2**  
**Código e identificação das variáveis<sup>1</sup>**

<b>Código</b>	<b>Identificação</b>
X01	% de pessoas que vivem em domicílios com banheiro e água encanada
X02	Mortalidade até cinco anos de idade (por mil nascidos vivos)
X03	Razão de dependência
X04	% de pessoas que freqüentam o ensino médio em relação à população de 15 a 17 anos
X05	% de mulheres de 25 anos ou mais analfabetas
X06	% de pessoas com mais de 25 anos analfabetas
X07	Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade
X08	Índice de envelhecimento
X09	% de pessoas que freqüentam o fundamental em relação à população de 7 a 14 anos
X10	% de pessoas entre 18 e 24 anos analfabetas
X11	Renda per Capita
X12	% de mulheres responsáveis pelo domicílio com renda até 1 SM <sup>2</sup>
X13	% de homens responsáveis pelo domicílio sem rendimento
X14	% de mulheres responsáveis pelo domicílio sem rendimento
X15	Renda média dos homens responsáveis pelo domicílio
X16	Renda média das mulheres responsáveis pelo domicílio
X17	% de pobres
X18	% de pessoas que vivem em domicílios com computador
X19	Média de anos de estudo das mulheres responsáveis pelo domicílio
X20	Média de anos de estudo dos homens responsáveis pelo domicílio
X21	% das pessoas ocupadas com rendimento do trabalho de 1 a 2 SM
X22	Rendimento médio mensal das pessoas ocupadas
X23	% das pessoas ocupadas com rendimento do trabalho de 2 a 3 SM
X24	Taxa de desemprego da população de 25 a 59 anos
X25	Taxa de desemprego da população de 15 anos e mais
X26	Taxa de participação da PEA na PIA de 15 anos e mais
X27	Taxa de participação da PEA na PIA de 18 a 24 anos
X28	% de ocupados com fundamental incompleto
X29	% das pessoas ocupadas com rendimento do trabalho inferior a 1 SM

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Porto Alegre

Nota 1: Todos os dados se referem ao ano de 2000

Nota 2: SM significa Salários Mínimos

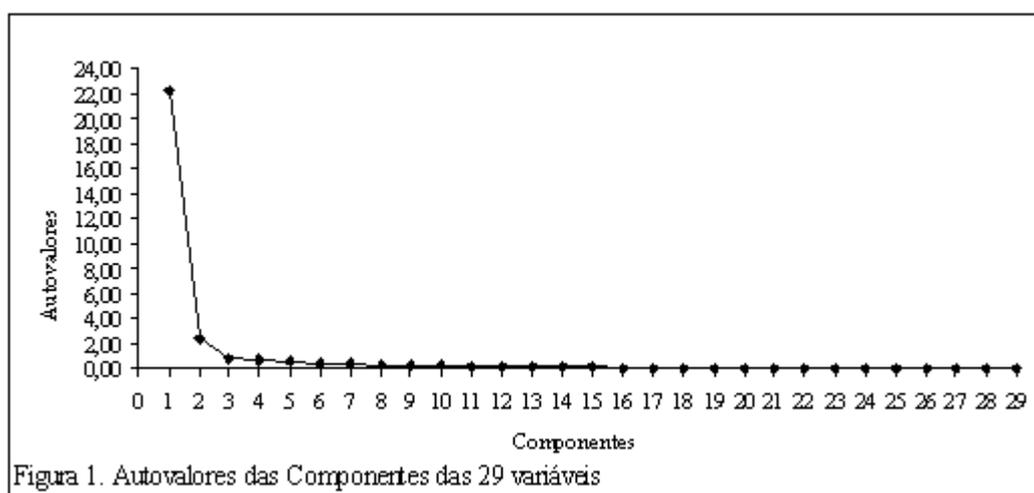
## 2.1. Aplicação da Análise de Componentes Principais

Como já referido, o objetivo fundamental da ACP é a decomposição espectral da matriz de correlações, pois assim são gerados os autovalores e autovetores. Como os autovalores correspondem às variâncias de cada componente principais, verificamos que apenas 2 componentes acabaram respondendo por 84,9% da variância total. Um dos critérios de escolha do número de componentes a serem considerados para efeitos de compreensão da estrutura dos dados bem como para a aplicação da AA é a escolha das componentes que sejam maiores do que 1. Esta é uma fase importante, pois precisamos ter confiança na escolha do número de componentes. Será sobre estas que a tentativa de agrupamento será feita. De uma boa escolha das componentes dependem os resultados do trabalho como um todo. Outro critério que pode auxiliar na escolha das componentes é a confecção de um gráfico onde são plotados os autovalores de cada componente e no qual é possível visualizar com bastante clareza a importância de cada componente. A Tabela 3 abaixo mostra apenas as componentes com autovalores maiores do que 1. Abaixo da Tabela 3, a Figura 1 mostra o gráfico dos autovalores para todas as componentes.

**Tabela 3**  
**Variância Explicada pelas 2 Componentes Principais com Rotação Varimax**

Componentes	Autovalores Iniciais			Extração da Soma dos Quadrados das Cargas			Rotação Varimax da Soma dos Quadrados das Cargas		
	Total	% da Variância	Acumulada %	Total	% da Variância	Acumulada %	Total	% da Variância	Acumulada %
1	22,257	76,75	76,75	22,257	76,75	76,75	15,979	55,10	55,10
2	2,364	8,15	84,90	2,364	8,15	84,90	8,643	29,80	84,90

Fonte: Resultados da ACP



Percebemos pela combinação dos dois critérios que de fato temos uma boa parte da variância total explicada por apenas duas componentes, pois o gráfico dos autovalores plotados para cada componente não deixa dúvidas de que, a partir da componente 3 (inclusive), a curva se confunde com o eixo das ordenadas. Antes de analisarmos as correlações (cargas fatoriais) entre as variáveis originais e as duas componentes principais, precisamos compreender o que significa a coluna Rotação Varimax da Soma dos Quadrados das Cargas da Tabela 3. A Rotação Varimax é um artifício geométrico utilizado para melhorar a interpretação da relação entre as cargas de cada variável e a componente. Dito de outra forma, o artifício consiste em fazer uma rotação nos eixos coordenados, que nada mais são do que as próprias componentes, permitindo uma melhor distribuição das cargas em relação às componentes selecionadas. Após a rotação, as cargas ficam melhor distribuídas entre as duas componentes sem, contudo, alterar o percentual de variância explicada pelas mesmas, ou seja, 84,9%. Existem outros tipos de rotação. Entretanto, escolhemos a rotação Varimax por manter os eixos ortogonais o que, em outras palavras, significa manter as componentes independentes.

Quanto aos autovetores, sua importância está em que eles representam a carga de cada variável em cada componente. Em outras palavras, os autovetores representam as correlações entre as variáveis e as componentes. A Tabela 4 abaixo mostra as maiores correlações (cargas) das variáveis originais com a componente 1. Esperamos que esta tabela nos auxilie na identificação de características que permitam dar um nome a Componente 1.

Variáveis	COD Variável	Carga
% de pobres	X17	0,9517
% das pessoas ocupadas com rendimento do trabalho inferior a 1 SM	X29	0,8941
Mortalidade até cinco anos de idade (por mil nascidos vivos)	X02	0,8791
Razão de dependência	X03	0,8652
% de ocupados com fundamental incompleto	X28	0,8608
% de pessoas ocupadas com rendimento do trabalho de 1 a 2 SM	X21	0,8409
% de pessoas com mais de 25 anos analfabetas	X06	0,8348
% de mulheres de 25 anos ou mais analfabetas	X05	0,8336
Taxa de desemprego da população de 25 a 59 anos	X24	0,7984
% de pessoas entre 18 e 24 anos analfabetas	X10	0,7939
Taxa de desemprego da população de 15 anos e mais	X25	0,7791
% de mulheres responsáveis pelo domicílio com renda até 1 SM	X12	0,7698
% de mulheres responsáveis pelo domicílio sem rendimento	X14	0,7661
% de homens responsáveis pelo domicílio sem rendimento	X13	0,7425
Índice de envelhecimento	X08	-0,7119
Média de anos de estudo das mulheres responsáveis pelo domicílio	X19	-0,7203
Média de anos de estudo dos homens responsáveis pelo domicílio	X20	-0,7300
Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade	X07	-0,7481
% de pessoas que frequentam o ensino médio em relação à população de 15 a 17 anos	X04	-0,9072
% de pessoas que vivem em domicílios com banheiro e água encanada	X01	-0,9408

Fonte: Resultados da ACP

Como se percebe não há o predomínio de um tipo de variável que nos permita sermos categóricos quanto à denominação da Componente 1. O que vemos é uma combinação de variáveis econômicas, de nível de ensino, de saneamento básico e de saúde. A rigor temos apenas uma variável de saúde e uma de saneamento básico. Contudo a importância destas duas variáveis é atestada por suas altas correlações com a Componente 1. A variável de saúde, além de ter uma alta e positiva correlação com a Componente 1, corrobora o estudo de Possoli (1984), o qual verificou, utilizando o mesmo tipo de análise multivariada que estamos utilizando, que a mortalidade até cinco anos de idade apresentou a maior carga fatorial no Índice do Nível de Saúde por ele proposto tendo com base dados oriundos da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul para o ano de 1979. A Componente 1 parece ser algum tipo de indicador de vulnerabilidade, pois ela apresentou correlações positivas e altas com variáveis como % de pobres, % de pessoas de pessoas ocupadas com rendimento do trabalho inferior a 1SM, Mortalidade até 5 anos de idade etc., e correlações negativas e altas com variáveis como % de pessoas que vivem em domicílios com banheiro e água encanada, % de pessoas que frequentam o ensino médio em relação à população de 15 a 17 anos, Média de anos de estudo das pessoas com 25 anos ou mais de idade etc..

A Tabela 5 abaixo mostra as maiores correlações (cargas) das variáveis originais com a componente 2. Da mesma forma que a Tabela 4, esperamos que a Tabela 5 nos ajude a denominar a Componente 2. Como pretendemos aplicar a AA sobre os escores das duas componentes, estamos preocupados nesta fase apenas em termos uma ideia geral da estrutura das componentes.

**Tabela 5**  
**Variáveis originais com as mais altas correlações (cargas) com a Componente 2**

Variáveis	COD Variável	Carga
Taxa de participação da PEA na PIA de 18 a 24 anos	X27	0,8775
% de pessoas que frequentam o fundamental em relação à população de 7 a 14 anos	X09	0,8012
% das pessoas ocupadas com rendimento do trabalho de 2 a 3 SM	X23	0,7364
% de pessoas que vivem em domicílios com computador	X18	-0,7388
Renda média das mulheres responsáveis pelo domicílio	X16	-0,7752
Rendimento médio mensal das pessoas ocupadas	X22	-0,8018
Renda média dos homens responsáveis pelo domicílio	X15	-0,8035
Renda per Capita	X11	-0,8060

Fonte: Resultados da ACP

Ao contrário da Componente 1, a Componente 2 sugere que as variáveis com maiores correlações (cargas fatoriais) são indicativas das características econômicas. A variável % das pessoas que frequentam o fundamental em relação à população de 7 a 14 anos não se enquadraria na categoria econômica em sentido estrito, contudo não deixa de ter importância se considerarmos que o capital escolar pode ser compreendido com um requisito para a capacidade de inserção qualificada no mercado de trabalho bem como para a busca de níveis de remuneração melhores a serem alcançados no futuro. Também a variável % das pessoas que vivem em domicílios com computador pode ser vista pela ótica econômica geral se a considerarmos como a expressão da capacidade aquisitiva. Com efeito, a Componente 2 pode ser denominada provisoriamente como um índice de nível econômico. Como este índice está correlacionado negativamente com variáveis que medem o rendimento e domicílios com computador, parece-nos que ele indica algum tipo de vulnerabilidade econômica. Ademais, podemos considerar a Taxa de participação da PEA (População Econômica Ativa) na PIA (População em Idade Ativa) de 18 a 24 anos como um tipo de pressão da população jovem que ingressa no mercado de trabalho e que exige uma capacidade maior de geração de postos de trabalho. Encerramos esta seção com a Figura 2 a qual mostra as cargas das variáveis com as 2 componentes após a rotação Varimax.

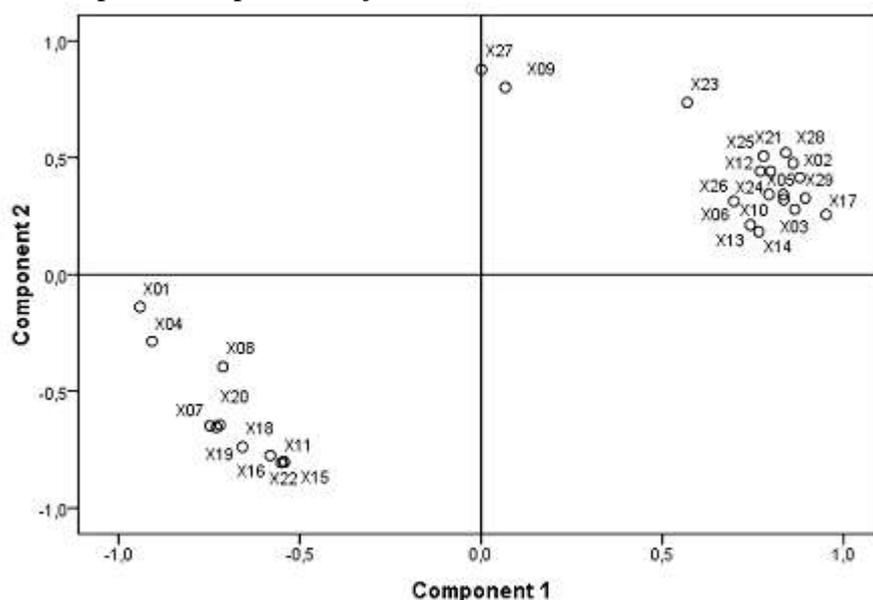


Figura 2 - Gráfico das cargas das variáveis nas duas Componentes no espaço rotacionado

## 2.2. Aplicação da Análise de Agrupamentos

Como já referido na seção metodológica, a ACP é, em geral, utilizada como uma etapa intermediária para a aplicação de outras técnicas multivariadas. Com os resultados que temos até esta etapa, precisamos decidir sobre que base iremos aplicar AA. Estudos recorrentes bem como manuais de análise multivariada têm sugerido que se aplique a AA sobre os escores das componentes, ou seja, sobre o valor que os objetos ou indivíduos teriam se calculássemos os escores por meio da aplicação da transformação linear das variáveis originais. Contudo, temos a Componente 1 com 55,10% e a Componente 2 com 29,80% de explicação da variância total após a rotação Varimax. Nesse sentido, teríamos que escolher sobre qual componente aplicar a AA. Devido à importância das duas componentes e tendo em vista a possibilidade de geração de agrupamentos que reflitam de fato esta importância, calculamos a média ponderada dos escores, utilizando como pesos os autovalores (variâncias) das duas componentes. Para facilitar a compreensão da média ponderada transformamos os resultados em um índice gerado da seguinte forma:

$$IVSE_{UDHi} = \frac{(EMi - EM \min)}{(EM \max - EM \min)}$$

Onde:

IVSE = Índice de Vulnerabilidade Socioeconômica da UDH i

EMi = Escore Médio da UDH i

EM max = Escore Médio Máximo

EMi min = Escore Médio Mínimo

Por conta desta transformação dos escores médios de cada UDH, a interpretação será bastante facilitada, pois o IVSE irá variar entre 0 e 1. Sem a construção do IVSE, a interpretação ficaria bem mais difícil, pois não temos ideia do que pode significar uma vulnerabilidade de Escore Médio Ponderado com sinal negativa, ou seja, de pouco nos adianta saber se uma vulnerabilidade é negativa ou positiva. A confusão que uso dos Escores Médios Ponderados como informação final causaria seria muito grande. Observe que o denominador do IVSE é a diferença entre os valores máximo e mínimo dos escores, ou seja, a unidade de comparação se origina nos próprios escores médios. Em outras palavras, é como se criássemos uma régua com variação contínua entre os valores máximo e mínimo dos Escores Médios Ponderados. Nesta régua, a UDH com valor igual a 0 terá IVSE Baixo, pois ela está situada na posição inicial da régua. No extremo oposto, estará situada a UDH de valor igual a 1, tendo IVSE Alto. Como o IVSE é contínuo, será possível verificar as heterogeneidades dentro cada agrupamento. Dito de outra forma, poderemos verificar dentro do agrupamento de IVSE Alto, quais UDHs estão em situação de vulnerabilidade extrema. É por estes motivos que arrolamos, e também em função das variáveis apresentarem escalas diferentes, que muitos pesquisadores têm recorrido à construção de índices. A Tabela 6 mostra as 10 primeiras e as 10 últimas UDHs em função de seus valores no IVSE.

UDHS	Score Médio	IVSE	Classificação
FLORESTA-Loteamento Santa Terezinha	1,104	1,000	1
LOMBA DO PINHEIRO-Vila Recreio da Divisa	1,030	0,968	2
ANCHIETA-Vila Dique II	1,023	0,965	3
SARANDI-Vila Vitória da Conquista	0,969	0,941	4
LOMBA DO PINHEIRO-Vila Biriba	0,958	0,937	5
SARANDI-Vila Santíssima Trindade	0,957	0,936	6
SÃO JOÃO-Vila Dique I	0,930	0,924	7
SÃO JOÃO-Vila Nazaré	0,889	0,907	8
RESTINGA-Quinta Unidade	0,882	0,904	9
AZENHA-Vila Zero Hora	0,882	0,904	10
JARDIM CARVALHO-Plano 100	-0,934	0,115	154
PRAIA DE BELAS 2/MENINO DEUS 2	-0,935	0,114	155
FARROUPILHA-Redenção/SANTA CECÍLIA/SANTANA 1	-0,950	0,108	156
JARDIM LINDÓIA	-0,982	0,094	157
BOA VISTA/PASSO D'AREA-Vila Keddie	-0,991	0,090	158
PETRÓPOLIS-Avenida Ijuí	-1,005	0,084	159
BOM FIM/INDEPENDÊNCIA 1/RIO BRANCO	-1,013	0,080	160
AUXILIADORA/MONT'SERRAT	-1,026	0,075	161
MOINHOS DE VENTO/RIO BRANCO-IPA/INDEPENDÊNCIA 2	-1,136	0,027	162
BELA VISTA/PETRÓPOLIS-Grêmio Náutico União	-1,198	0,000	163

Fonte: Resultados da ACP

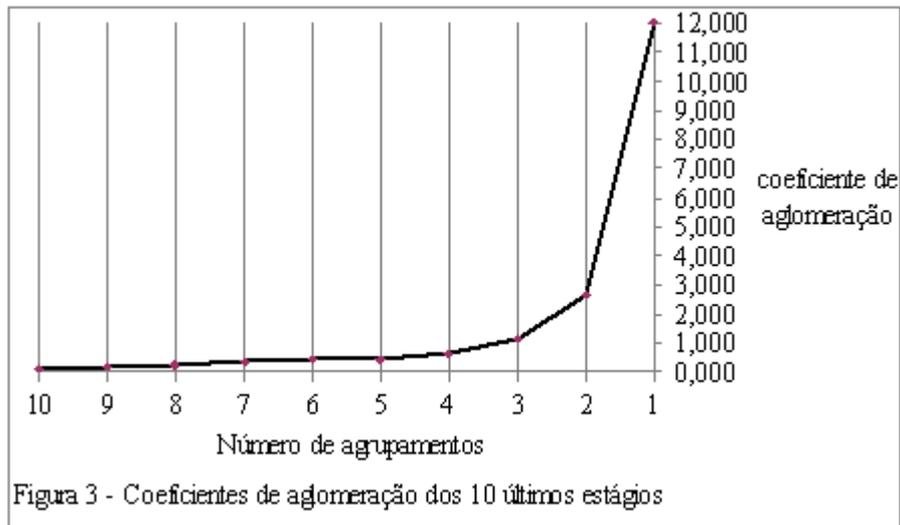
A Tabela 7 reproduz os 5 últimos estágios de aglomeração como base no método de Ward.

N.º de agrupamentos	Estágio	Agrupamento Combinado		Coeficientes de Aglomeração
		Agrupamento 1	Agrupamento 2	
5	158	6	21	0,419
<b>4</b>	<b>159</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>0,623</b>
3	160	1	8	1,179
2	161	2	6	2,647
1	162	1	2	11,996

Fonte: Resultados da AA (Análise de Agrupamento)

Um bom indicativo de corte para a determinação do número de agrupamentos é o coeficiente de aglomeração (última coluna da Tabela 7). Este coeficiente varia do máximo de detalhamento (cada UDH é o próprio grupo) à generalidade completa (um agrupamento único com todas as UDHS). A rigor, o coeficiente de aglomeração representa a perda de informação à medida que mais grupos vão sendo agregados. Observe que nos últimos estágios as variações entre um estágio e outro parecem ser maiores, sendo que a partir do estágio 159 elas são mais acentuadas. Se olharmos os estágios do fim para o começo da agregação, verificamos que no último estágio, quando temos apenas um grupo com todas as UDHS, o coeficiente de aglomeração é máximo, o que é o mesmo que dizer que a perda de informação é tamanha que não ganhamos nada em termos de conhecimento ao colocarmos todas as

UDHs em um único agrupamento. Para auxiliar na escolha do ponto de corte, construímos o gráfico da Figura 3. No eixo vertical temos os coeficientes de aglomeração referentes a cada um dos últimos 10 estágios de aglomeração. O gráfico parece indicar que um bom ponto de corte seja no estágio 159 com 4 agrupamentos, pois neste ponto a curva começa a ter saltos maiores. Neste ponto, o coeficiente de aglomeração é de 0,623. Considerando-se o coeficiente de aglomeração do último estágio como representativo de 100% de perda máxima de informação, podemos dizer que o coeficiente de aglomeração do estágio 159 representa apenas 5,19% de perda de informação quando optamos por 4 agrupamentos.



Outro tipo de gráfico gerado pela maioria dos softwares estatísticos é o dendrograma. Um dendrograma é uma árvore hierárquica de vínculos na qual podemos verificar no eixo vertical a perda de informação à medida que avançamos nos estágios de aglomeração. A Figura 4 reproduz o dendrograma que auxiliou na escolha dos 4 agrupamentos. Como o eixo horizontal do dendrograma contém as 163 UDHs de Porto Alegre, sua visualização em tamanho A4 fica prejudicada. Para quem acessar o trabalho em meio digital, sugerimos ampliar a imagem para uma melhor visualização. As Tabelas 8, 9, 10 e 11 apresentam a relação das UDHs em cada agrupamento (AG) conforme sua classificação no IVSE. As UDHs que ocupam as primeiras posições na Classificação são as que têm pior IVSE. A coluna Classificação permite, assim, que se possam verificar as diferenças dentro de um mesmo agrupamento.

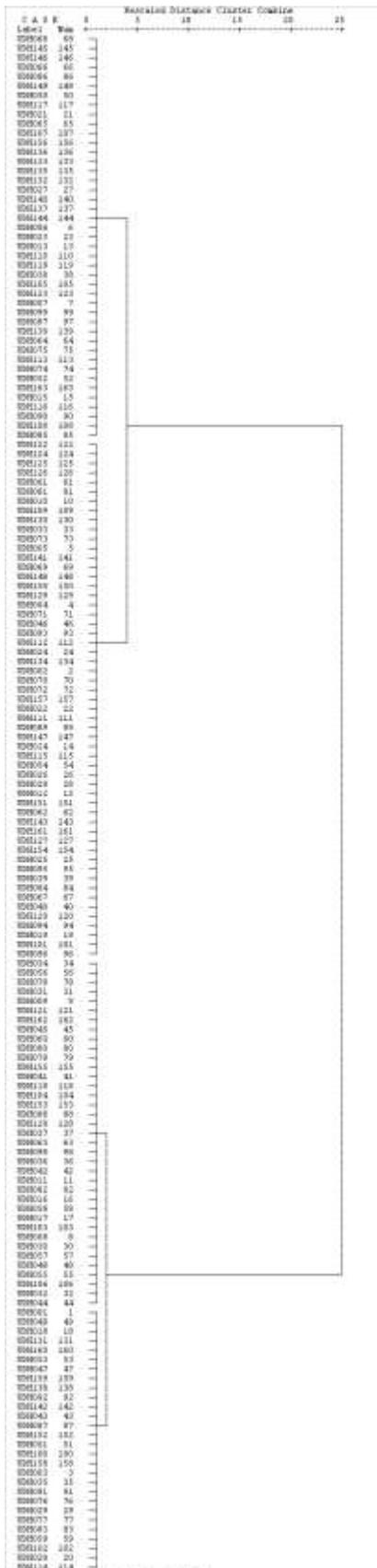


Figura 4. Dendrograma segundo o Método de Ward.  
Fonte: Resultados de Análise de Agrupamento.

Tabela 8  
Relação das UDHs do Agrupamento de IVSE Alto (AG1)

UDH	Classificação	UDH	Classificação
FLORESTA-Loteamento Santa Terezinha	1	CRISTAL-Vila Cristal	28
LOMBA DO PINHEIRO-Vila Recreio da Divisa	2	MORRO SANTANA-Vila das Laranjeiras	29
ANCHIETA-Vila Dique II	3	CASCATA-Vila Graciliano Ramos	30
SARANDI-Vila Vitória da Conquista	4	PARTENON-Vila Cachorro Sentado	31
LOMBA DO PINHEIRO-Vila Eribá	5	SANTA TEREZA-Vilas Tronco	32
SARANDI-Vila Santíssima Trindade	6	TERESÓPOLIS-Vila Silva Paes	33
SÃO JOÃO-Vila Dique I	7	VILA NOVA-Condomínio Campos de Cristal	34
SÃO JOÃO-Vila Nazaré	8	SARANDI-Vila Fraternidade	35
RESTINGA-Quinta Unidade	9	JARDIM SABARÁ-Vila Margarita	36
AZENHA-Vila Zero Hora	10	BELÉM NOVO-Pratia das Garças	37
ARQUIPÉLAGO/FARRAPOS 1/HUMAITÁ 1	11	SERRARIA	38
SARANDI-Vila Dique	12	CAVALHADA-Loteamento Cavalhada	39
MÁRIO QUINTANA-Loteamento Timbaúva	13	CASCATA-Vila Nossa Senhora da Glória	40
CHAPÉU DO SOL-Loteamento Chapéu do Sol	14	JARDIM CARVALHO-Colina do Prado	41
MENINO DEUS-Condomínio Lupicínio Rodrigues	15	CAMAQUÃ-Vila do Funil(São Vicente Martir)	42
JARDIM SABARÁ-Vila Ernesto Pelana	16	RESTINGA-Restinga Velha	43
SANTA TEREZA-Vila Figueira	17	NONOAI-V Alto Erechim e parte da V Chácara Sperb	44
SANTA TEREZA-Vila Rio Branco	18	SARANDI-Vila Páscoa	45
SANTA TEREZA-Vila Ecologia	19	BELÉM VELHO-Condomínio Mariante	46
SANTA TEREZA-Vila Cruzeiro do Sul	20	RUBEM BERTA-Jardim Leopoldina II	47
PARTENON-Vila Santa Clara	21	MÁRIO QUINTANA-Chácara Fumaça e Jô Protásio Alves	48
PASSO DAS PEDRAS-Jardim dos Coqueiros	22	LOMBA DO PINHEIRO-Vila Pitinga	49
BOM JESUS-Vilas Divinéia, Mato Sampaio e Pinto	23	AGRONOMIA-Vila Esmeralda	50
CRISTAL-Vila do Valão	24	VILA CONCEIÇÃO-Vila Pellin	51
SANTA TEREZA-Orfanotrófio I	25	RESTINGA-Vila Bita	52
PARTENON-V Maria da Conceição (Pq Casa da Criança)	26	PARTENON-V Maria da Conceição (N Senhora do Brasil)	53
LOMBA DO PINHEIRO-Loteamento Quinta do Portal	27	SÃO JOSÉ-Vila Sudeste	54
		CASCATA-Loteamento Vila Jardim Renascença	55

Fonte: Resultados da Análise de Agrupamento (AA)

Tabela 9  
Relação das UDHs do Agrupamento de IVSE Médio-Alto (AG2)

UDH	Classificação	UDH	Classificação
SÃO JOSÉ 2/V JOÃO PESSOA 2/CEL APARÍCIO BORGES 2	56	SARANDI-Santa Rosa	78
SÃO JOSÉ-Morro da Cruz	57	PARTENON-Vila Tijuca e Vila dos Sargentos	79
SARANDI-Asa Branca	58	RUBEM BERTA-Conjunto Residencial	80
CAVALHADA-Cidade de Deus	59	LAGEADO	81
SARANDI-Vila Ipê São Borja	60	MÁRIO QUINTANA-Vila Jardim das Colinas	82
SARANDI-Vila Mínuano	61	MÁRIO QUINTANA-Rua 19 de Peveiro	83
SARANDI-Loteamento Vila São Borja	62	IPANEMA-Beco da Bagunça	84
RUBEM BERTA-Vila Amazônia	63	VILA NOVA-Vila Monte Cristo e Vila Monte Cristo II	85
HÍPICA-Beco do Adelar	64	BELÉM VELHO-H Pq Belém/CASCATA-Vale dos Canudos	86
SARANDI-Vila Nova Brasília	65	RUBEM BERTA-Loteamento Vila Max Geiss	87
LOMBA DO PINHEIRO-Rarefeita	66	RESTINGA-Costa Gama	88
SARANDI-Vila Nossa Senhora Aparecida	67	PARTENON-Hospital São Pedro e PUC	89
SARANDI-Vila União	68	MORRO SANTANA-Vila Estrutural	90
MORRO SANTANA-Vila Tijuca	69	RESTINGA-Restinga Nova	91
LOMBA DO PINHEIRO-Densa	70	SANTA TEREZA-Arroio Passo Fundo	92
SARANDI-Loteamento Vila Santo Agostinho	71	BELÉM NOVO-Vila Flores da Cunha	93
RESTINGA-Barro Vermelho	72	ARQUIPÉLAGO-Ilha da Pintada (norte e oeste)	94
VILA ASSUNÇÃO-Vila Guaíba	73	CAMPO NOVO/VILA NOVA-Loteamento COHAB Cavalhada	95
CAMAQUÃ-Loteamento Vila Maria	74	CRISTAL-Vila Cai	96
LAMI	75	PONTA GROSSA/CHAPÉU DO SOL-Bairro/BELÉM NOVO-Bair	97
PASSO DAS PEDRAS 1/RUBEM BERTA 1	76	SANTA TEREZA-Vila Dona Malvina	98
ARQUIPÉLAGO-Ilha das Flores (norte)	77		

Fonte: Resultados da Análise de Agrupamento (AA)

Tabela 10  
Relação das UDHs do Agrupamento de IVSE Médio-Baixo (AG3)

UDH	Classificação	UDH	Classificação
JARDIM CARVALHO-bairro	99	PASSO DAS PEDRAS-V Ingá/RUBEM BERTA-Costa e Silva	113
BOM JESUS-bairro/VILA JARDIM-Rua Conde da Figueira	100	JARDIM SABARÁ-bairro	114
SÃO JOSÉ 1/V JOÃO PESSOA 1/CEL APARÍCIO BORGES 1	101	CAMAQUÃ-Bairro	115
AGRONOMIA-Campus do Vale UFRGS	102	RUBEM BERTA-Jardim Leopoldina	116
HÍPICA-Bairro/GUARUJÁ/ESPÍRITO SANTO 1/IPANEMA 1	103	MORRO SANTANA-bairro	117
VILA NOVA-Avenida Vicente Monteggia	104	MEDIANEIRA-Coorigha/STA TEREZA-B Ouro e B Solidão	118
VILA JARDIM-Avenida Circular	105	CAVALHADA-VTC e Cecopam/NONOAI-Av Dr. Campos Velho	119
GLÓRIA/CASCATA-Vila Dona Veva	106	MEDIANEIRA-Av Niterói/STA TEREZA-V dos Comerciantes	120
SARANDI-Parque dos Maías	107	CRISTAL-Avenida Coronel Massot	121
TERESÓPOLIS-Loteamento Estrada dos Alpes	108	PARTENON-Intercap e Jardim Bento Gonçalves	122
FARRAPOS 2/HUMAITÁ 2	109	ANCHIETA 1/HUMAITÁ 3/NAVEGANTES/SÃO GERALDO	123
NONOAI-Avenida Nonoai/TERESÓPOLIS-Asmobame	110	PASSO DAS PEDRAS 2/RUBEM BERTA 2	124
PARTENON-Loteamento Vila Batista Xavier	111	HÍPICA-Loteamento Jardim Amazônia	125
SARANDI-Vila Elizabeth e Vila Leão	112	VILA IPIRANGA-Educandário/JARDIM ITU-R Paul Harris	126

Fonte: Resultados da Análise de Agrupamento (AA)

Tabela 11  
Relação das UDHs do Agrupamento de IVSE Baixo (AG4)

UDH	Classificação	UDH	Classificação
CRISTAL-Museu Iberê Camargo	127	CIDADE BAIXA	146
JD FLORESTA/JD SÃO PEDRO/STA MARIA GORETTI/SÃO JOÃO	128	JARDIM DO SALSO	147
PASSO D'AREIA-Vila do IAPI	129	MEDIANEIRA-Loteamento Carlos Barbosa	148
CRISTAL-Avenida Dr. Campos Velho	130	CENTRO-Parte Histórica e Comercial	149
ESPÍRITO SANTO-Clube do Professor Gaúcho/IPANEMA 2	131	JARDIM ITU-Parque Brigada Militar	150
S SEBASTIÃO/V IPIRANGA-Pç N Árabes/JD ITU-Jd Itati	132	CENTRO-Cientec/PRAIA DE BELAS-Parque Harmonia	151
CRISTO REDENTOR	133	CHÁCARAS DAS PEDRAS/TRÊS FIGUEIRAS	152
TERESÓPOLIS-Teresópolis Tênis Clube	134	HIGIENÓPOLIS/SÃO JOÃO-Sogipa	153
PETRÓPOLIS-Rua Ivo Corseuil/JARDIM BOTÂNICO	135	JARDIM CARVALHO-Plano 100	154
SANTO ANTÔNIO/PARTENON-Partenon Tênis Clube	136	PRAIA DE BELAS 2/MENINO DEUS 2	155
NONOAI-Morro Teresópolis	137	FARROUPILHA-Redenção/SANTA CECÍLIA/SANTANA 1	156
SANTA TEREZA-Próximo ao Menino Deus	138	JARDIM LINDÓIA	157
AZENHA-Shop João Pessoa/SANTANA-Inst de Cardiologia	139	BOA VISTA/PASSO D'AREA-Vila Keddie	158
VILA NOVA-Condomínio Village	140	PETRÓPOLIS-Avenida Ijuí	159
FLORESTA/INDEPENDÊNCIA-Shopping Total	141	BOM FIM/INDEPENDÊNCIA 1/RIO BRANCO	160
MEDIANEIRA-Pç Alci Maia/STA TEREZA-Pç Montese	142	AUXILIADORA/MONT'SERRAT	161
TRISTEZA/V ASSUNÇÃO/V CONCEIÇÃO/PEDRA REDONDA	143	MOINHOS DE VENTO/RIO BRANCO-IPA/INDEPENDÊNCIA 2	162
MENINO DEUS 1/AZENHA 1/PRAIA DE BELAS 1	144	BELA VISTA/PETRÓPOLIS-Grêmio Náutico União	163
JARDIM SABARÁ-Parque do Sol	145		

Fonte: Resultados da Análise de Agrupamento (AA)

Tendo em vista a ampliação da capacidade de visualização espacial que o georreferenciamento permite, geramos a Figura 5 com o mapa do Município de Porto Alegre com os 4 agrupamentos. No mapa ficam explícitos os enclaves de vulnerabilidade que retalhavam uma cidade tida como homogênea. A rigor esta heterogeneidade já tinha sido constatada na 163 UDHs de Porto Alegre constantes do Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Como o estudo que agora apresentamos, verifica-se que, mesmo agregando UDHs de locais diferentes da cidade, persistiam em 2000 indicações de que não eram poucos os espaços de vulnerabilidade. Fica-se, portanto, com uma boa impressão de como as técnicas de Análise Multivariada podem auxiliar na simplificação e estruturação da vasta quantidade de dados gerados pelos censos.** A expectativa quanto à disponibilidade de novos e mais detalhados dados que serão gerados pelo Censo de 2010, sugere um horizonte promissor para a aplicação das técnicas que acabamos de fazer uso com os dados do Censo de 2000.

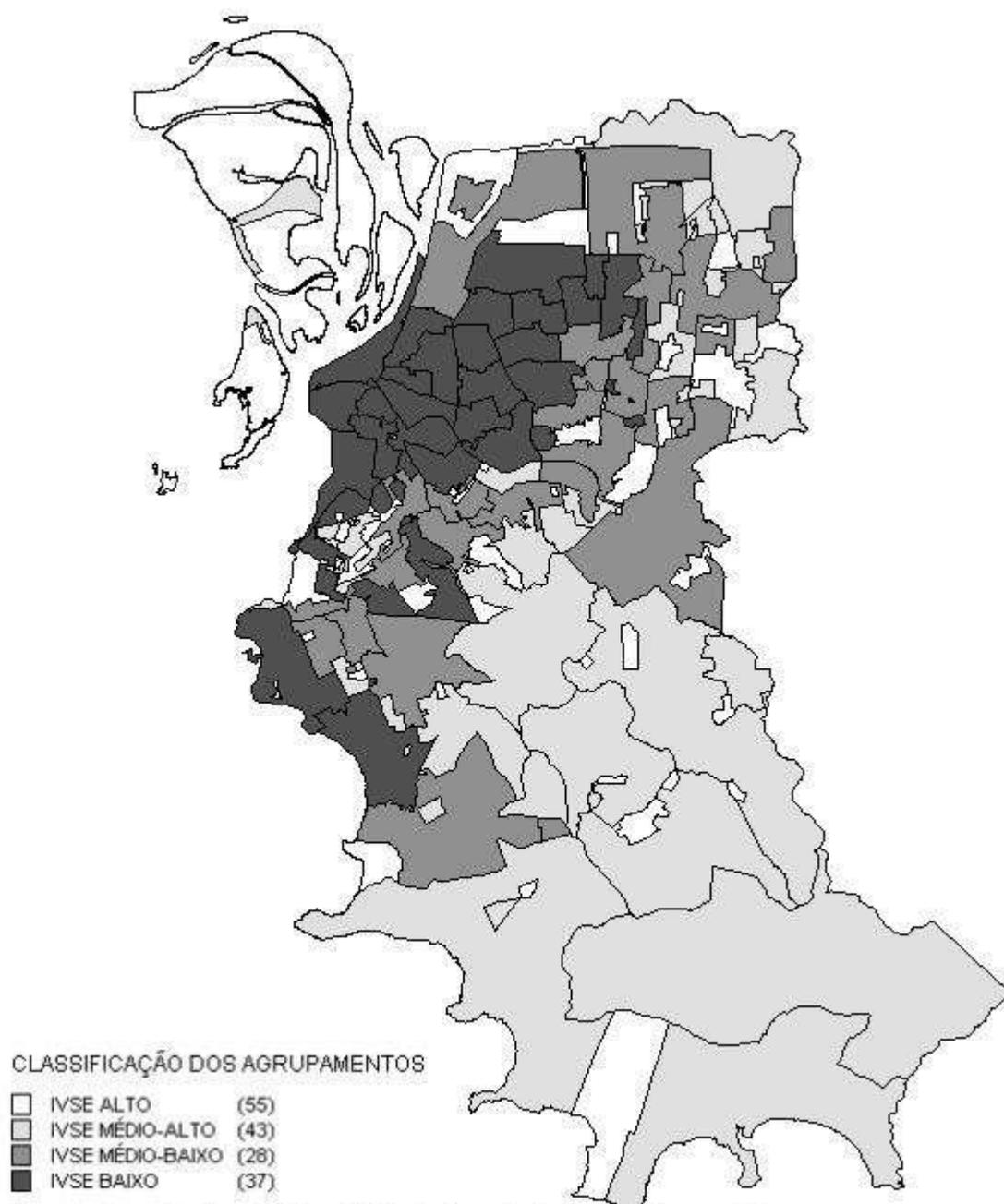


Figura 5 - Mapa do Índice de Vulnerabilidade Socioeconômica de Porto Alegre - 2000  
 Elaborado pelo técnico do Observatório da Cidade de Porto Alegre Luis Antônio Thomas Fernandes

### 3. CONCLUSÃO

O presente trabalho agrega-se a tantos outros que sugerem que a aplicação de técnicas de Análise Multivariada pode auxiliar na simplificação e estruturação de um conjunto extenso de informações. Nesse sentido, aplicou-se a Análise de Componentes Principais para transformar de 29 variáveis em apenas duas componentes com capacidade para explicar 84,9% da variância total das variáveis originais. Estas componentes permitiram a construção de um Índice de Vulnerabilidade Socioeconômica (IVSE) para o Município de Porto Alegre sobre o qual aplicou-se a Análise de Agrupamentos. A Análise de Agrupamento permitiu que se juntassem em agrupamentos as UDHS mais homogêneas. A redução do número de variáveis e a geração de agrupamentos foram feitas com pouca perda de informação, ficando claro que os resultados alcançados podem servir de ferramenta auxiliar na identificação de desigualdades intra-urbanas. Tendo em vista o número elevado de UDHS em cada agrupamento, a classificação pode servir como uma forma de verificar a heterogeneidade remanescente no interior dos agrupamentos, permitindo a focalização das políticas públicas sem perda da contextualização, pois o método de agrupamento de Ward maximiza a homogeneidade dentro dos agrupamentos e a heterogeneidade entre os agrupamentos.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Porto Alegre. – Porto Alegre: Prefeitura Municipal/Secretaria de Coordenação Política e Governança Local; Metroplan; PNUD; Fundação João Pinheiro, 2008.

EVERIT, B. **Cluster analysis**. London, Heinemann Educational Books. Second Edition, 1980.

FACHEL, J.M.G. **Análise Multivariada da Estrutura Social Urbana do Município de Porto Alegre**. Atas do 1.º Encontro de Docentes de Estatística da Região Sul – Departamento de Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 12 a 16 de julho de 1982.

FLURY. B., RIEDWYL. H. **Multivariate statistic: a practical approach**. London, Chapman and Hall Ltd. , 1988.

HAIR, J.R.Jr., ANDERSON, R.E. TATHAM R.L. BLACK W.C. **Análise Multivariada de Dados**. 5ed. - Porto Alegre: Bookman, 2005.

JOHNSON, R.A. & WICHERN, D.W. **Applied Multivariate Statistical Analysis**. Fifth Edition. Prentice Hall, 2002.

**MINGOTI, S.A. Análise de Dados Através de Métodos de Estatística Multivariada: uma abordagem aplicada.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

**POSSOLI, S. Técnicas de Análise Multivariada para Avaliação das Condições de Saúde dos Municípios do Rio Grande do Sul.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, 18:288 – 300, 1984.

**REIS, E. Estatística Multivariada Aplicada.** 2ed. – Lisboa: Edições Sílabo, Lda., 2001.